

**ACTO DE INAUGURACIÓN DE LA XIX CUMBRE  
IBEROAMERICANA**

Estoril, 29 de noviembre de 2009

**Majestades,**

**Sr. Presidente da República Portuguesa,**

**Senhoras e Senhores Chefes de Estado e de Governo,**

**Senhoras e Senhores Chanceleres,**

**Secretários-Gerais das Organizações Internacionais,**

**Minhas Senhoras e Meus Senhores,**

Antes de mais, gostaria de dar-lhes as mais cordiais boas-vindas a esta XIX Cimeira Ibero-Americana. Quero agradecer muito sinceramente ao Governo e ao povo de Portugal o caloroso acolhimento dedicado a este evento e a eficácia dos seus intensos trabalhos preparatórios, em que participaram funcionários e representantes dos mais variados setores da sociedade civil.

Permitam-me expressar a minha mais sincera gratidão por tudo isto.

Além do agradecimento, a memória: quero aqui recordar os nossos irmãos de El Salvador afectados este ano por trágicos acidentes naturais que provocaram a perda de vidas e graves danos nas infraestruturas.

Desastres esses que em, alguns casos, se devem a causas naturais e, em outros, ao nosso comportamento como seres humanos. Este ano, quisemos dar especial atenção ao drama da violência de género. Através da Campanha “Maltratozero” todos os ibero-americanos nos comprometemos numa mensagem comum, a uma só voz, na erradicação desta chaga humana que mina os direitos fundamentais das pessoas, atenta contra a dignidade das mulheres e envenena a convivência na nossa sociedade.

Ao lado deste rio Tejo e da sua foz atlântica cabe recordar, olhando para o mesmo mar, e junto à foz do Douro, outra Cimeira Ibero-Americana, a oitava, celebrada na cidade do Porto. Ali se lançaram os alicerces da construção institucional desta Comunidade Ibero-Americana, desta Secretaria ao seu serviço.

Anos mais tarde, duas reuniões de Chanceleres continuaram o caminho traçado. Em 2003, aqui no Estoril, foi aprofundada a reforma do sistema ibero-americano; em 2005, em Guimarães, tive a honra de ser designado Secretário-Geral Ibero-Americano.

Esta Cimeira que hoje tem início é mais uma prova do compromisso Português para com o projecto ibero-americano. De um país que soube integrar-se com sucesso no processo de construção europeia, e que vivenciou um notável processo de desenvolvimento económico e social nas últimas décadas.

Um país que faz da África lusófona o terceiro vetor da sua identidade europeia e americana, e que sente a convicção do trabalho bem feito agora que o Tratado que regerá o futuro da União Europeia tem o nome da sua capital, o Tratado de Lisboa.

Considero, portanto, muito adequado que Portugal tenha proposto como tema central desta Cimeira a Inovação e o Conhecimento. Nesta terra que soube abrir novas rotas humanas no mundo através da migração das suas gentes. E bem sabemos, como refere Carlos Fuentes, que “a mestiçagem trazida pelas migrações é a corrente cultural mais poderosa do século XXI”.

Portugal, que tão bem conheceu a inovação quando o Infante D. Henrique, o Navegador, soube inovar na construção de caravelas e nas leis da astronomia. Quando soube separar os dados válidos da fantasia dos relatos de viajantes árabes e europeus e quando, a partir de Sagres, analisou os dados das correntes atlânticas e dos ventos tropicais, contribuindo assim, decisivamente, para a orientação em alto mar. Sem dúvida, um grande inovador.

Faz todo o sentido, portanto, que o país de Bartolomeu Dias, Cabral, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, que abriram rotas por mares nunca dantes navegados, nos reúna aqui para falar de inovação. E isto num contexto de comunidade e de esforço partilhado. Como diria o grande cantor das gestas portuguesas Luís de Camões em “Os Lusíadas”:

“Por alto mar,  
com vento tão contrario que,  
se não me ajudais,  
hei grande medo que  
o meu fraco batel se alague cedo”.

Inovação e conhecimento que, muito mais do que lançar novos produtos ou utilizar os últimos avanços tecnológicos, é um factor crítico para o desenvolvimento dos nossos países no contexto da sociedade do conhecimento. Um factor capaz de sustentar ciclos prolongados de crescimento e de soluções para as prementes necessidades sociais do presente.

Uma inovação que se projecta no aspecto social através da criatividade e da participação dos seus cidadãos.

Uma iniciativa que denota a eficiência do Estado.

Uma inovação relacionada com a reinvenção de modelos de negócios, de novos processos e metodologias de trabalho. Uma inovação relacionada com a criação de novos mercados, ou com o aproveitamento dos actuais. Uma inovação apoiada na selecção e execução das melhores ideias e na combinação de uma cultura de eficiência com uma filosofia de criatividade.

Necessitamos de inovação e conhecimento para sair da crise atual, uma crise que não provocámos, mas de que padecemos e estamos a sair agora, felizmente, com maior vigor do que se pensou, em grande parte devido às razoáveis políticas macro-económicas aplicadas nos últimos anos.

Por isso mesmo, continuaremos a trabalhar, a partir desta Cimeira, para o reforço da cooperação ibero-americana em matéria de investigação aplicada e inovação tecnológica entre empresas e centros de investigação, contribuindo assim para um modelo de apropriação social e económica do conhecimento mais equilibrado por parte da nossa sociedade.

Sras. y Sres. Jefes de Estado y de Gobierno,

En el año 2007 empezó a gestarse la crisis económica y financiera más severa desde la Gran Depresión. Crisis global, crisis profunda y rebelde en su capacidad de recuperación.

Fueron necesarias rápidas respuestas de Gobiernos, Bancos Centrales, y tesorerías para empezar a salir de ella.

Si imprevista fue la crisis en su generación, también están dando sorpresas las señales de recuperación, especialmente en los países desarrollados.

Pero la destrucción ha sido profunda en esas economías y nadie podría asegurarnos de futuras sorpresas desagradables y nadie podría, tampoco, anticipar salidas rápidas a la actual coyuntura. Los acontecimientos en los mercados financieros de los últimos días nos hacen ser cautos frente a las señales de recuperación que hoy nos alientan.

Problemas, en los países desarrollados, como el alto endeudamiento, déficits fiscales agudos, desocupación persistente, siguen creando incógnitas que exigen el total saneamiento de los sistemas financieros y una vuelta a los balances fiscales y monetarios. Ese retorno, desactivando los estímulos actuales, no será fácil.

Pero habremos de salir y una nueva arquitectura financiera se habrá de materializar como a la que aspiran las declaraciones del G-20.

Esa arquitectura responderá a cambios profundos en la economía mundial con la presencia de los países emergentes, entre los cuales, varios de América Latina que no habiendo sido causantes de la crisis de especulación financiera, si son parte de la solución a los problemas de la economía mundial.

En esa situación internacional se ubican hoy los países de América Latina que en conjunto y con diferencias entre países han capeado razonablemente bien el temporal económico mundial, perdiendo menos producto que los países de la OCDE en el año en curso y con anuncios de crecimiento más alto que esos países en el año 2010. Y con varios países que están saliendo de la crisis sin pasar por la recesión. Lo que no es poca cosa.

Las crisis traen traumas dolorosos, pero también abren oportunidades a nuevos modelos económicos. Creo que ésa es la situación en la que se encuentra hoy Iberoamérica: frente a una gran oportunidad.

La oportunidad de disponer de una renta de sus materias primas en alimentos, energéticas y minerales, para las cuales la expansión de los países de Asia abren mercados seguros y remunerativos.

Si somos capaces de agregar a esa renta los estímulos de la buena conducción macroeconómica de los últimos años y los estímulos creativos de una innovación económica y social, creo que la Región tiene ante sí una oportunidad histórica de modernizar sus economías. Ganar en eficiencia económica y eficiencia social y salir al encuentro de la solución de sus problemas sociales pendientes y de mayores niveles de vida para su sociedad.

Es su “gran oportunidad”. La Comunidad Iberoamericana tiene una oportunidad única de aprovechar y potenciar esa gran oportunidad a partir de sus distintos grados de desarrollo, de su capacidad de innovación científica y de sus poderosos mercados actuales y potenciales, que hoy ya representan el equivalente al 40% del gran mercado de los Estados Unidos.

Es por ello que si algo puede lograr esta Cumbre de Jefes de Estado y de Gobierno, es tomar conciencia de esa gran oportunidad y promover una activa cooperación en los campos de la educación, de la tecnología y la innovación para hacer de esa gran oportunidad una gran realidad.

Para ello se requiere la creación de una cultura de la innovación y una gran alianza entre gobiernos, sector privado y conocimiento.

Precisamos de nuevas actitudes hacia el cambio de los líderes de esos estamentos y una renovada capacidad de diálogo. Diálogo moderno, constructivo e inspirado en el interés general. De ese diálogo fluido nos beneficiaremos todos.

Iberoamérica debe, pues, hacer pie en sus experiencias buenas y malas del pasado para construir nuevos modelos económicos que empiecen con una verdadera revolución cualitativa de su educación y que continuará con un gran esfuerzo en la ciencia y la tecnología. Los importantes avances que se están haciendo ya en esta materia me hacen ser optimista. Mucho más si aprendemos a cooperar con inteligencia en estos campos de la innovación científica y tecnológica.

Una observación adicional.

En dos semanas la Comunidad Internacional ha sido convocada para un gran esfuerzo toma de conciencia y de acción, para hacer frente a la dramática amenaza del cambio climático.

Creo que Iberoamérica debe concluir a ese encuentro con la firme determinación de asumir compromisos, pero también, reclamando los propios a quienes tienen las mayores responsabilidades en el calentamiento global.

El respeto por la naturaleza no es para Iberoamérica sólo un ideal ético frente a las futuras generaciones, es, además un reconocimiento a los valores ancestrales de las culturas tradicionales, fieles cuidadores de la tierra y la naturaleza en América.

Este año nos dejó el antropólogo Levi-Strauss, quien escribió algo que vale la pena recordar en este momento: “en la América indígena he amado el reflejo de una época en la que la especie se adaptaba a las condiciones de su universo y en la que persistía una relación adecuada entre la tierra, el hombre y sus signos”.

Los usos sostenibles de la energía, la tierra y el agua y los recursos naturales, son los únicos que pueden mitigar la pandemia peligrosa del cambio climático, como los desastres naturales, la extinción de las especies y la destrucción de los ecosistemas.

Estoy seguro de que Iberoamérica tiene mucho que aportar con iniciativas y compromisos que se constituyen en ejemplo para la comunidad internacional.

Sras. y Sres. Jefes de Estado y de Gobierno,

En esta Cumbre culminan los primeros cuatro años de esta Secretaría General creada en Salamanca en 2005 para apoyar a la realización de las Cumbres y profundizar los procesos de cooperación económica y social.

Creo que en este tiempo algo hemos avanzado aunque queda mucho por hacer y por ambicionar. Con la colaboración de vuestros gobiernos, eso será posible.

Con 18 Cumbres celebradas y un amplio acervo en materia de gobernabilidad democrática, de cooperación al desarrollo en los campos económicos, sociales y culturales y de amplio respeto a la diversidad de las políticas de sus miembros, es el momento de profundizar la cooperación y proyectar Iberoamérica al mundo, especialmente en aquellas comunidades que comparten afinidades lingüísticas y culturales y que pueden hacer contribuciones significativas a nuestro proyecto iberoamericano.

El mundo que vendrá deberá volver a valores cívicos fundamentales y a las responsabilidades morales de sus dirigentes y ciudadanos. En esa construcción, Iberoamérica tiene mucho que aportar a la construcción de un mundo multilateral, más justo y ordenado que puede encontrar su inspiración en el derecho internacional iberoamericano, que nos compromete a todos como iberoamericanos y como seres humanos. Somos parte de una comunidad mundial que tiene que responder unida a los desafíos del presente y a los interrogantes del futuro.

Para que Iberoamérica pueda navegar con confianza y determinación en esa gran aventura del progreso económico y social que la historia le propone, será necesario dejar atrás desencuentros políticos del presente que no podrán resistirse a la capacidad tradicional de diálogo y negociación entre sus líderes y sus pueblos.

Confiamos en el pronto reencuentro de la familia hondureña dentro del orden constitucional.

En el “Libro del Desasosiego”, en el que trabajó durante gran parte de su existencia dice Fernando Pessoa: “Es regla de vida que podemos aprender de todo el mundo. Mi paseo silencioso es una conversación continua, y todos nosotros, hombres, casas, carteles y cielo somos una gran multitud amiga, acodándose con palabras en la gran procesión del destino”.

Muito obrigado, Muchas gracias.